

O MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA (MST) NAS REDES SOCIAIS ON-LINE: IDENTIDADE E REPRESENTAÇÃO¹

Gabriel F. Duarte Barbosa²; André Aparecido Medeiros³; Yasmin Ribeiro Gatto Cardoso⁴; Elizabeth Rossi de Grande⁵; Laiara Perin⁶

Resumo: Os movimentos sociais organizados quando inseridos à rede mundial de computadores também constroem novas possibilidades de se articularem na elaboração de narrativas próprias e pautas propositivas de intervenção social. O presente trabalho busca verificar de que forma este processo se concretiza a partir do monitoramento dos perfis em redes sociais on-line do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST). Com isso, foi realizada a análise do movimento enquanto agente comunicacional. A pesquisa busca verificar de que maneira se concretiza a utilização e apropriação dos meios digitais em consonância com as reivindicações do MST. Para tanto, durante um mês – maio de 2016 – foi realizado monitoramento dos perfis on-line mantidos pelo movimento em redes sociais e canais de difusão de conteúdo. Com este acompanhamento, foi possível identificar, analisar e debater o processo de comunicação desenvolvido pelo grupo e verificar como atuação em diferentes meios é estabelecida, visando o aprimoramento do aspecto comunicacional e a construção de identidades e narrativas. Além disso, com este estudo, objetiva-se também analisar de que forma a comunicação on-line estabelecida pelo movimento social em questão se articula com sua militância, propostas e ações de intervenção concretas.

Palavras-chave: movimentos sociais; ciberativismo; resistência; MST; monitoramento.

¹ Artigo apresentado ao Eixo Temático 02 – Movimentos sociais / Ciberativismo / Resistência, do IX Simpósio Nacional da ABCiber.

² Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Mídia e Tecnologia da FAAC/Unesp, Câmpus Bauru. E-mail: gabrielduarte.jornalista@gmail.com

³ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da FAAC/Unesp, Câmpus Bauru. Participa do Grupo de Pesquisa Ética, Educação e Direitos Humanos, Grupo de estudos Pensamento Comunicacional Latino-americano e Grupo de pesquisa Relações Públicas e Comunicação: Opinião Pública, Educação e Interculturalidade. E-mail: moinhodeversos@gmail.com

⁴ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da FAAC/Unesp, Câmpus Bauru. Participa do Grupo de Pesquisa Mídia e Sociedade (Unesp) e Grupo de Estudos Sociais Interdisciplinares do Baixo Amazonas (UFAM). E-mail: yasmingatto@faac.unesp.br

⁵ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Mídia e Tecnologia da FAAC/Unesp, Câmpus Bauru. Professora na rede pública de ensino. E-mail: betharte75@gmail.com

⁶ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Mídia e Tecnologia da FAAC/Unesp, Câmpus Bauru. Professora na rede pública de ensino. E-mail: laiaraperin@gmail.com

O movimento social apenas existe enquanto integrante da sociedade. Com isso, entende-se que movimentos sociais são gestados e influenciados pelo contexto socioeconômico em que estão inseridos. E, no caldo dessa complexidade, suas pautas de reivindicações ganham contornos definidos e propositivos. O presente estudo e a escolha pelo Movimento dos Trabalhadores sem Terra (MST) se justificam por características significativas tanto do próprio movimento quanto pelas mudanças sociais, tecnológicas e comunicacionais ocorridas recentemente em escala mundial.

O MST, por ter começado a se organizar ainda na década de 1970, além de representativo de importantes questões socioeconômicas da história recente do Brasil - tem sentido os efeitos da transição social promovida pela Tecnologia da Informação e Comunicação (TICs); e, por consequência, acompanhando tais efeitos e se adaptando. Este processo, que denota grandes alterações em ações comunicacionais, impacta diretamente as dinâmicas e formas de mobilização dos movimentos sociais, já que este tipo de organização se constrói em grande medida por sua capacidade de construir redes de conhecimento, ação e comunicação:

Na atualidade, os principais movimentos sociais atuam por meio de redes sociais, locais, regionais, nacionais e internacionais ou transnacionais, e utilizam-se muito dos novos meios de comunicação e informação, como a internet. Por isso, exercitam o que Habermas denominou de o agir comunicativo. A criação e o desenvolvimento de novos saberes, na atualidade, são também produtos dessa comunicabilidade. (GOHN, 2011, p. 334-335)

No entanto, para melhor conceituação, é preciso delimitar quais são as características da classe de organizações em que o MST é catalogado. O que pode ser compreendido por movimento social? Movimentos sociais sempre existiram e existirão (GOHN, 2011). A mera junção destas duas palavras – ‘movimento’ e ‘social’ – justifica a sentença anterior, já que estabelece um quadro em que ação organizada de pessoas que vivenciam – ou compreendem - de maneira similar - ou aproximada - algum elemento da contemporaneidade. Dentro das ciências sociais o estudo sobre movimento social sempre transitou por diversos enfoques e enquadramentos – inevitavelmente influenciados pelo contexto sociopolítico. Por isso - apesar da abrangência do conceito, é preciso delimitar alguns parâmetros para análise - os movimentos sociais, de forma resumida, podem ser entendidos como:

(...) ações sociais coletivas de caráter sociopolítico e cultural que viabilizam formas distintas de a população se organizar e expressar suas demandas (GOHN, 2008). Na ação concreta, essas formas adotam diferentes estratégias que variam da simples denúncia, passando pela pressão direta (mobilizações,

marchas, concentrações, passeatas, distúrbios à ordem constituída, atos de desobediência civil, negociações etc.) até as pressões indiretas. (GOHN, 2011, p. 333)

Esta organização social possibilita que o grupo articule suas demandas e busque validá-las perante o restante da sociedade – composta por outros grupos, atores e instâncias constituídas seguindo os preceitos econômicos, sociais e institucionais. No entanto, este processo, sob a ótica do movimento social, se estabelece através da análise do contexto social e a proposição de ações efetivas para soluções e modificações da experiência coletiva, gerando dessa forma impactos dentro da coletividade que partilha a mesma experiência social, até mesmo em situação oposta – por exemplo, no caso do MST e sua luta por reforma agrária, a prevalência de sua pauta de reivindicação impacta também os que são contrários a esta agenda reformista.

Diante disso, o movimento social deve ser compreendido como a organização entre indivíduos que não deve ser considerada apenas enquanto grupo numérico; mas sim como organizações com pretensões dentro da esfera pública. Ou seja, a partir de suas experiências comuns e articulações sociais, são colocadas na arena pública propostas que deverão receber - através de mecanismos legais, sociais e culturais - validação perante o restante da sociedade. Portanto, estas proposituras sempre relacionarão com as pretensões de outros atores e/ou grupos sociais, constituídos ou não como movimento social. “Por outro lado, as pretensões são sustentadas sempre por sujeitos socialmente reconhecidos, portanto, não apenas por indivíduos, como também grupos de interesse, corporações, instituições diversas, indivíduos institucionais, partidos, governos, organizações da sociedade civil e etc” (GOMES, 1993). Por isso, dentro da esfera pública os diferentes grupos e atores que compõem o tecido social manifestam e articulam suas pretensões de maneira constante e permanente; sendo que sua capacidade de organização é proporcional ao alcance de sua pauta de reivindicação.

Partindo desse entendimento, é possível estabelecer quais são as principais características dos movimentos sociais e como elas se manifestam e, sobretudo, podem ser compreendidas como elementos constituintes desta forma organização social. Em primeiro lugar, todo movimento social é por princípio possuidor de identidade. Dentro de sua coletividade, o grupo – sempre partindo de experiências compreendidas de maneira similar por todos os seus membros - constrói esta identidade. Segundo Gohn (2011), esta identidade é constituída pela leitura que o movimento faz da realidade social; por isso, está relacionada com os entendimentos que o grupo constrói e estabelece sobre os elementos e fenômenos sociais que são passíveis de mudanças. Ou seja, proposituras que enquadram dentro de um “projeto de sociedade”.

No entanto, é importante ressaltar – até mesmo para delimitar a fluidez do conceito – que esta identidade não é estática, já que os movimentos sociais também não o são. No seu interior e nas articulações com o contexto social, político e econômico o movimento promove a constante revalidação de seus princípios. No entanto, apesar desta mobilidade, sua identidade não é alterada. A alteração significativa dessa identidade representa a formação de outro movimento social organizado, calcado em outra pauta de reivindicações e ocupante de um local/espço na esfera pública. Por isso, ainda no âmbito interno, outro elemento inerente a esta construção identitária é a capacidade de geração do sentimento de pertencimento. Esta ação - elaborada a partir da partilha de experiências, significados comuns e construção de narrativas próprias - é vital para a constituição e fortalecimento do movimento. Com estas ações, ““Criam identidades para grupos antes dispersos e desorganizados”, como bem acentuou Melucci (1996). Ao realizar essas ações, projetam em seus participantes sentimentos de pertencimento social. Aqueles que eram excluídos passam a se sentir incluídos em algum tipo de ação de um grupo ativo” (GOHN, 2011). E, por possuir uma identidade – que, como visto, deve obrigatoriamente partilhada por seus membros – os movimentos sociais se diferenciam das “Organizações Não Governamentais” (ONG), já que sua estrutura é constituída por quadros de profissionais.

Além disso, por estarem inseridos na sociedade, os movimentos sociais também devem possuir - e, até mesmo se constituir como - contraponto para outro grupo. Por isso, necessariamente, eles também devem possuir oposição dentro do espectro social. Estas relações e as propostas dos movimentos sociais são capazes de fomentar mudanças e fundamentar um projeto de vida e sociedade.

“O fato inegável é que os movimentos sociais dos anos 1970/1980, no Brasil, contribuíram decisivamente, via demandas e pressões organizadas, para a conquista de vários direitos sociais, que foram inscritos em leis na nova Constituição Federal de 1988” (GOHN, 2011). A partir dessa fundamentação, eles analisam a realidade social e elaboram propostas de intervenção social. Para isso, eles devem atuar em redes:

Uma das premissas básicas a respeito dos movimentos sociais é: são fontes de inovação e matrizes geradoras de saberes. Entretanto, não se trata de um processo isolado, mas de caráter político-social. Por isso, para analisar esses saberes, deve-se buscar as redes de articulações que os movimentos estabelecem na prática cotidiana e indagar sobre a conjuntura política, econômica e sociocultural do país quando as articulações acontecem. Essas redes são essenciais para compreender os fatores que geram as aprendizagens e os valores da cultura política que vão sendo construídos no processo interativo (GOHN, 2011, p. 334 – 335).

Com estas considerações, é possível compreender o MST enquanto movimento social com as seguintes características: organizado, possuidor de identidade e opositor, capaz de gerar o sentimento de pertencimento e estar fundamentado em um projeto de vida e sociedade – apresentado ao restante da sociedade em ações dialógicas concretas.

Por isso, o MST – além de exemplificar o conceito de movimento social – também é objeto de estudo por ser representativo de questões intrínsecas à sociedade brasileira e aos novos ambientes comunicacionais. Pois, mesmo já tendo notoriedade construída antes da popularização Internet, o MST atualmente também vivencia os desafios e possibilidades de atuação e interação social e comunicacional que são impostas pelo meio on-line aos movimentos e agentes sociais. Pois, o atual comportamento virtual da população expande o campo de interesse e atuação dos movimentos sociais que, em diferentes espaços on-line, encontram modos próprios de promoverem suas reivindicações, gerando sintonia – interna e externa - além de adquirirem novas possibilidades de diálogo.

Em se tratando do MST, surgido em 1984, sua trajetória constitui um capítulo importante na história recente do Brasil, entre diversos motivos, por refletir e se alimentar de elementos considerados de extrema relevância social, sendo que o principal é a concentração de terra e, por consequência, seus reflexos na sociedade.

Segundo dados do Incra (Instituto Nacional da Reforma Agrária) existem 5.766.542 imóveis rurais particulares do país. Deste total, 5.232.019 são minifúndios ou pequenas propriedades que correspondem a uma área de quase 153 milhões de hectares. Por outro lado, existem 131.394 grandes propriedades que concentram cerca de 247 milhões de hectares. Dentro desse contexto e problemática acerca da ocupação do solo brasileiro, o MST possui posição de destaque. A sua capilaridade e mobilização colocou-o em evidência nacional, e até mesmo internacional, em diversos períodos da história recente. A alta propagação de sua mensagem – e os consequentes conflitos com outros atores e grupos sociais - demonstra que a pauta de reivindicações do movimento toca um ponto nevrálgico da constituição e da atualidade socioeconômica do país e, por isso mesmo, não pacífico – por envolver diversos interesses de grupos, constantemente, antagônicos.

No entanto, reconhecendo a importância da comunicação na história e constituição do MST – principalmente na articulação com outros grupos e atores sociais e na elaboração discursiva de narrativas e entendimentos compartilhados - este estudo analisa uma das

manifestações estruturalmente visível deste campo: a dimensão das mídias sociais, percebida e trabalhada com a ascensão da Internet e a inclusão digital.

O acesso às novas tecnologias de informação e as possibilidades de comunicação que as mesmas representam a partir do desenvolvimento da Internet nos anos 1990 impactaram significativas mudanças nos modelos de democracia até então conhecidos e praticados pelas sociedades. Um caminho ainda deve ser percorrido, mas a almejada liberdade de expressão e o direito à comunicação ganham força expressiva com as redes digitais, assim como a expectativa de desaparecimento das desigualdades nos meios de comunicação. É dentro desse panorama que o MST se faz presente e busca promover no meio on-line sua mensagem e pauta.

Atualmente, o acesso à internet é uma realidade para mais da metade dos habitantes do Brasil. Dentro desse universo de usuários, a maior parte dos acessos se dá por aparelhos móveis, chegando a 80,4%, em 2014 (BÔAS, 2007). Isso se deve às diversas políticas públicas visando à popularização desses aparelhos e ao seu acesso em conectividade 2G, 3G e 4G, distinguindo-se da conectividade para microcomputadores por fibra ótica – apontada como aparato tecnológico capaz de gerar o isolamento de áreas geográficas que não possuíam a estrutura mínima que viabilizasse a conexão. No entanto, através da facilitação para o uso dos smartphones, ocorreu também a modificação de perfis de usuários, que já não buscam mais uma internet informacional, como a WEB 1.0 - que fora pensada por Berners - utilizada internamente para tráfego de pesquisas, com o intuito de tornar a internet algo acessível e comercializável, onde não havia interação, e a informação e o design eram estáticos e passivos. Mas, a popularização de smartphones, possibilitou o que ficou conhecido como WEB 2.0, cunhada em 2004, pela empresa O'Reilly Media, que sociabilizou a acessibilidade à internet e modificou a forma de comunicação das sociedades, como também o seu individualismo. A comunicação passa a um nível on-line, os usuários interagem entre si, com empresas e personalidades. Enfim, a internet torna-se o espaço invisível de interação, fazendo com que o indivíduo sinta-se sociável, porém individual quanto ao “mundo real”.

A WEB 2.0 é uma plataforma que traz tecnologias inovadoras em que os usuários acrescentam valor e podem construir o seu próprio banco de dados. A ideia de plataforma consiste de várias tecnologias nas quais os participantes são tão importantes quanto o conteúdo que eles utilizam e compartilham entre si. Com as tecnologias e com a Web 2.0, surge um novo lugar de interação definido por Levy (1999) como ciberespaço. Este é o meio de comunicação que surge da interconexão de milhares de computadores. O termo diz respeito à infraestrutura material da comunicação digital, também ao univer-

so de informação que ela abriga e aos seres humanos que navegam e alimentam esse universo. (LIMA, 2011, p. 26)

Já a WEB 3.0, considerada a WEB inteligente – ou, como cunharam Berners-Lee, James Hendler e Ora Lassila, a WEB semântica - possui a aparência da WEB 2.0 para os usuários, mas apresenta um desempenho diferente e bem mais individualizado em relação ao usuário final. Constitui-se, dessa forma, um meio facilitador entre o que o usuário busca e o que encontra no ambiente on-line, configurando-se como uma grande rede neural artificial. Esta nova configuração de uso e compartilhamento, passa a se estruturar como um banco de dados global (DÁVILA, 2007), buscando estabelecer a conectividade de elementos que o usuário procura de forma implícita. No entanto, toda essa estrutura é elaborada, mantendo formatos que o usuário já se apropriou, mas repensando os conceitos das indústrias de marketing e do design. Sendo assim dá-se o que os teóricos chamam como estruturação semântica dos dados, fazendo com que os conteúdos sejam pensados e relacionados de forma inteligente pelos algoritmos que estão controlando a ação do usuário.

Dentro desse cenário de possibilidades, como era de se esperar, as ações ativistas na Internet têm ganhado proporção e visibilidade pelas oportunidades oferecidas pela rede. Entretanto, há alguns pontos de inflexão que requerem atenção. Para Rios (2010) a projeção que a Internet dá aos movimentos sociais não potencializa suficientemente a ação desses grupos. Em artigo a respeito dos movimentos sociais na Internet, ele ressalta que “diferente do espaço público ‘físico’, o ciberespaço se configura como um espaço simbólico que se justapõe a este último, exigindo assim que os atores sociais se articulem e promovam ações nestas duas esferas”. Ou seja, as ações on-line não substituem a presença física dos militantes e sim vêm para complementá-la.

Já para Galloway (2010, p.89), “redes existem apenas em situações de assimetria ou incongruência. Se não, nenhuma rede seria necessária — pares simétricos podem se comunicar, mas pares assimétricos devem se enredar”. Neste sentido há uma sinalização para que o paradigma de comunicação assimétrico e vertical - que se caracteriza na fala de um para muitos, de uma hierarquia comunicacional a partir do centro em direção à periferia - ceda lugar a modelos horizontais e acessíveis a partir da consolidação das redes digitais de comunicação.

O MST, que tem a comunicação como um dos seus pilares de atuação, possui ou está inscrito em diversas mídias: Facebook, Twitter, Youtube, Jornal Sem Terra, Revista Sem Terra

e site oficial que contém a maioria das informações acerca do movimento. Dentre elas, durante 31 dias (maio de 2016), realizou-se o monitoramento das seguintes: fanpage no Facebook, perfil no Twitter, site oficial e canal Youtube. O jornal e a revista não circularam no período. O monitoramento, a coleta e posterior interpretação dos dados gerados permitem compreender como o MST constrói a sua própria narrativa, fortalece sua identidade e amplia o alcance de suas bandeiras e reivindicações. Durante o período de monitoramento dos canais oficiais do movimento foi possível detectar algumas singularidades da presença on-line do MST. Visando o adequado entendimento dos fatores avaliados, o presente trabalho promove uma articulação da dimensão das redes sociais on-line utilizadas pelo MST em consonância com os conceitos: movimentos sociais, ativismo on-line, histórico e desenvolvimento do MST.

O Site oficial do MST:

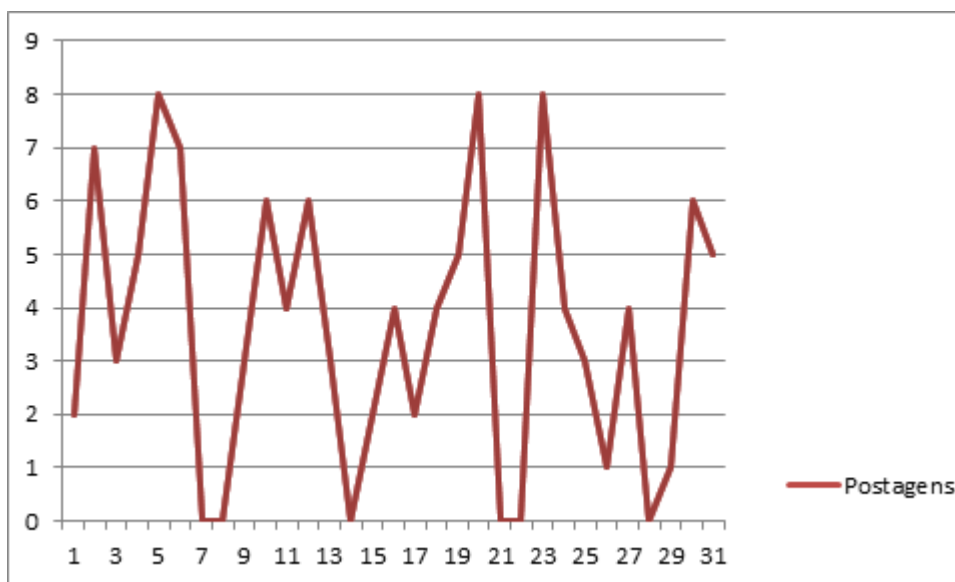
O site oficial (www.mst.org.br) tem como principal função apresentar o movimento em toda sua abrangência de campo de ação e fundamentação teórica. Neste sítio eletrônico as pautas, projetos, ações e a busca de apoio para as ações do movimento são divulgadas e disponibilizadas sem restrições ao público. O portal apresenta o MST como uma organização composta por 11 setores: Frente de Massa, Formação, Educação, Produção, Comunicação, Projetos, Gênero, Direitos Humanos, Saúde Finanças e Relações Internacionais.

No setor de Comunicação, o principal elemento de análise deste trabalho, o MST se posiciona sobre qual deve ser a compreensão e o uso desse campo para o movimento e seus militantes. “A comunicação tem um papel central na sociedade na disputa entre hegemonia e contra-hegemonia. Nesse sentido, é essencial que o povo organize seus próprios meios de comunicação para que seja feita a disputa contra-hegemônica. Por isso, o MST criou o Setor de Comunicação, que tem o papel de construir os próprios meios de comunicação do Movimento, tanto com caráter mais interno quanto mais externo, assim como se relacionar e fazer a ponte entre a organização com os demais meios de comunicação”⁷.

No entanto, a abrangência de seus campos de trabalhos demonstra que o movimento se estrutura de forma capilar e busca se articular com outros grupos, atores e movimentos sociais, dentro e fora do país – além de atuar com projetos educacionais objetivando a formação de seus quadros internos. Ao todo, durante o período de monitoramento, o site foi abastecido com 110 postagens que foram catalogadas e disponibilizadas sob a denominação

⁷ Informação disponibilidade no site www.mst.org.br. Acesso em 31/05/2016.

de notícia. Com isso, a média seria de mais 3 notícias por dia, no entanto a disponibilização deste material foi feita de forma não homogênea, conforme o gráfico demonstra:



Fluxo de postagens no site do MST (Elaborado pelos autores)

Esta variação no volume de postagens, com períodos com alta intensidade e intervalos sem novos conteúdos, é explicada em decorrência dos acontecimentos e o contexto políticos do período do monitoramento. Logo no começo do acompanhamento, no dia 2 de maio, verifica-se um pico de postagens com sete novos conteúdos inseridos no site. Este material, além de tratar das comemorações relativas ao 1º de maio, aborda alguns assuntos que começaram a ter repercussão à época, como o possível afastamento da presidenta Dilma Rousseff (PT) – que, fato posteriormente acabou se confirmando pelo Congresso Nacional.

Além disso, ainda durante o monitoramento desse canal, é possível detectar que os desdobramentos da crise política nacional progressivamente ganha destaque no conteúdo disponibilizado ao público do portal do MST. Isto é verificado na escolha das palavras-chave e das editorias que são usadas. Os conteúdos, para se organizam na arquitetura do site por editorias que indicam sobre qual é o tema que será abordado no material disponibilizado. Estes elementos são usados para categorizar e direcionar as notícias, tanto dentro do site quando na indexação que é usada em sites de buscas. Por isso, estas escolhas devem ser consideradas como significativas já que são estratégicas. A partir da escolha das editorias e palavras-chaves, pode-se fazer uma leitura de como o movimento se posiciona no meio online e quais são os principais temas que eles abordam em seus conteúdos. Ao todo, durante o monitoramento, verificou-se que são usadas 138 palavras-chave – sendo que as utilizadas com

maior ocorrência foram: “reforma agrária”, “lutas e mobilizações”, “contra o golpe”, “democracia” e “ocupação”.

Este direcionamento, como era se esperar, fortalece no meio on-line a comunicação do MST de sua principal bandeira - a luta pela reforma agrária -, ao mesmo tempo, coloca movimento como agente em oposição ao governo - à época interino - de Michel Temer (PMDB), que é citado três vezes como palavra-chave. Também durante o mês de maio, é feita a citação a 11 estados da federação (Alagoas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Goiás, Maranhão, Minas Gerais, Pará, Paraná, Rio Grande do Sul e São Paulo), duas cidades (Pelotas e Porto Alegre) e um país (EUA).

No entanto, conforme descrito anteriormente ao abordarmos as diferentes configurações de usos da WEB, o site do MST pode ser considerado mais como uma plataforma de disponibilização de informações. Dentro de sua estrutura, o site oferece pouco espaço para conteúdos interativos. No entanto, por outro lado, nas páginas do site é possível encontrar o ícone para o compartilhamento do conteúdo em outras plataformas e redes sociais. Além disso, o site possui muito conteúdo educacional, inclusive direcionando para as crianças - o que pode configurar uma preocupação com o uso das informações de outras formas, como oficinas e eventos presenciais.

MST e o uso do Facebook:

Facebook, em termos de uso da concentração de usuários, é considerado o principal sítio de encontro entre os internautas do mundo (GONÇALVES, 2010) e da atualidade. Para o autor, o momento atual da internet pode ser considerado como uma grande fase das redes sociais, fato comprovado pelo grande número de adesões de usuários a este tipo de software social entre as mais variadas faixas etárias, classes sociais, gêneros ou qualquer outra forma de agrupamento.

“As redes sociais representam uma nova tendência de partilhar contatos, informações e conhecimentos. O Facebook é uma das redes sociais mais utilizadas em todo o mundo para interagir socialmente. Esta interação surge essencialmente pelos comentários a perfis, pela participação em grupos de discussão ou pelo uso de aplicações e jogos. É um espaço de encontro, partilha, discussão de ideias e, provavelmente, o mais utilizado entre estudantes universitários”. (GONÇALVES, 2010, p. 594)

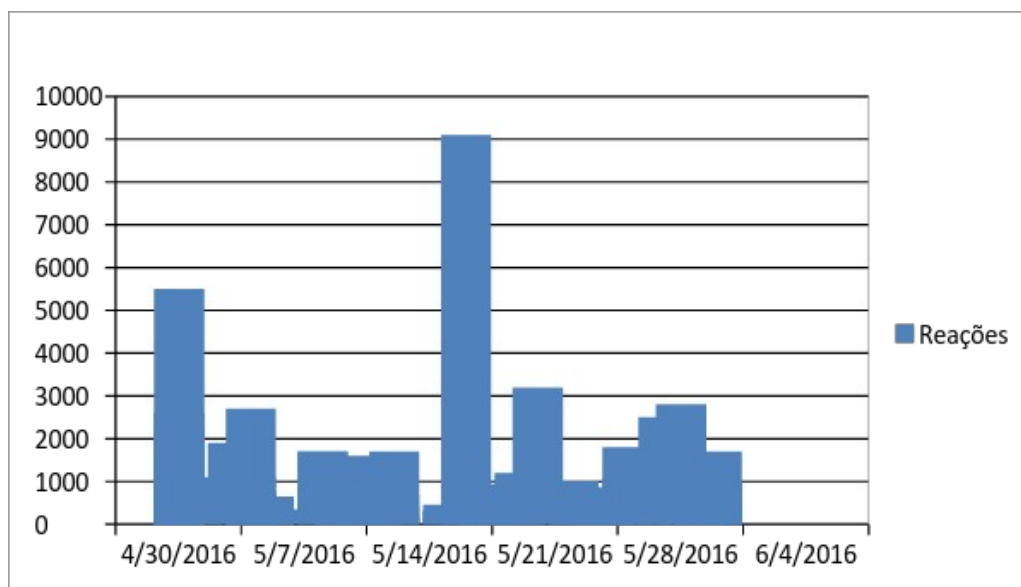
Diante disso, a página do MST é um importante canal de comunicação usado pelo movimento em sua estrutura comunicacional. O monitoramento revelou que o movimento não possuía horário específico para as atualizações em sua página no Facebook. Ao todo, no período de análise, foram 145 postagens. Sendo que 66 foram replicagens de matérias publicadas no site, sobre uso de alimento, plantação de orgânicos, divulgação de alguma comunidade que produz alimentos. Essas matérias, na maioria das vezes, são postadas em épocas em que há uma diminuição de acontecimentos (externos ou de grande repercussão) ou quando há a necessidade de acalmar alguns rompantes que se apresentem nos comentários.

Além disso, outras fontes de conteúdo, como: materiais audiovisuais do Youtube e postagens da página do site jornalístico *Brasil de Fato*. Além disso, foram 27 postagens sobre mobilizações e paralisações, ocorridas em diversas localidades do país. Também foram detectadas seis postagens diretas de promoção ao movimento: “Premiação de guitarrista assentado”; “Vídeo sobre acampamento Hugo Chaves Rondônia”; “Mudança do Pará”, “Carajás 20 anos de impunidade”; “Mensagem do ganhador do prêmio Nobel da paz sobre a militância do MST Adolfo Pérez Esquivel - Prêmio Nobel da Paz” e “Vídeo de um militando no Uruguay”.

O maior compartilhamento de postagens da página ocorreu em 17/05, cujo conteúdo era relacionado ao “Dia de combate à Homofobia”; seguida pelo dia 05/05, sobre um vídeo que continha uma análise sobre o afastamento de Eduardo Cunha (PMDB), deputado federal e presidente da Câmara dos Deputados. As postagens que mais geraram comentários foram relacionadas aos dias 21/05 (“Toni Morello protesta contra golpe no Brasil”) e 19/05 (“Doação de alimentos à ocupação da Funarte”).

Para o estudo de caso a que este trabalho se propõe, com relação ao Facebook fica evidente que o uso para conclamar os seguidores às ações *off-line* é bastante ativo, o que não significa que a adesão física ao movimento tenha a mesma proporção. Em tal plataforma a arena de debates gerados pelas postagens mostra-se bastante acalorada e democrática, ora tratando-se de ofensas e ataques diretos ao MST - nem sempre respondidas pelos administradores da página - ora marcada por manifestações de apoio por parte de militantes e simpatizantes ao movimento.

A seguir seguem os gráficos das postagens do Facebook e as respectivas interpretações:

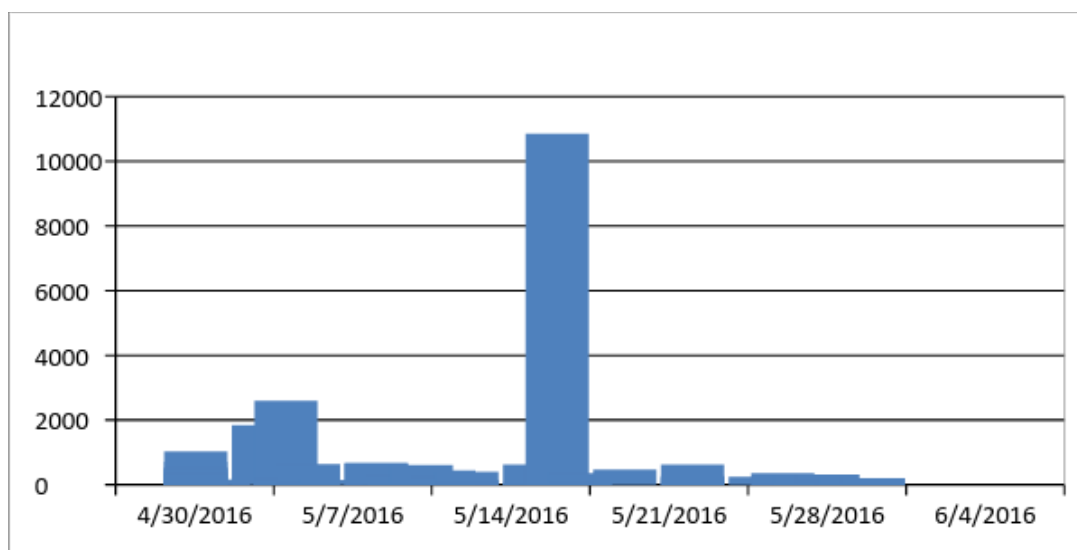


Reações ao conteúdo do Fanpage do MST (Elaborado pelos autores)

Segundo os dados coletados durante o período de monitoramento, as reações – ações dos internautas seguindo o protocolo de uso do Facebook e que podem indicar aprovação ou desaprovação diante o que foi postado – revelam a dinâmica de interações que são estabelecidas neste canal de comunicação. Seguindo este percurso de análise, é importante destacar que o maior volume de reações se deu no 17/5. Nesta data, o conteúdo postado estava relacionado com o combate à homofobia. Este conteúdo, composto por imagem e texto, o que revela a preocupação de amplificar a mensagem emitida mediante recursos de diferentes mídias. O texto dizia divulgado era o seguinte: “Hoje o mundo lembra o Dia Internacional contra a Homofobia e Transfobia, data na qual, em 1990, a Organização Mundial da Saúde (OMS) retirou a homossexualidade da Classificação Internacional das Doenças. Desde então, o 17 de maio, virou símbolo da luta por direitos humanos e diversidade sexual, contra a violência e o preconceito. Segundo pesquisa da organização não governamental “Transgender Europe” (TGEU), rede europeia que apoia os direitos da população trans, o Brasil trata-se do país onde mais se matam travestis e transexuais no mundo, entre janeiro de 2008 e março de 2014, foram registradas 604 mortes de mulheres e homens trans brasileiras”. O texto era acompanhado por uma imagem (que, segundo o texto do post “pertence ao grupo Artideia”) onde a imagem da bandeira com as cores do arco-íris, símbolo da luta da LGBTT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais), era usada como pano de fundo para o seguinte texto: “Amor alheio não é da conta de ninguém. Discurso de ódio é da conta de todos. 17 de maio – dia internacional contra a homofobia”. Ao todo, à época do monitoramento, esta postagem gerou 9,1 mil reações, 10.854 compartilhamentos e 146 comentários.

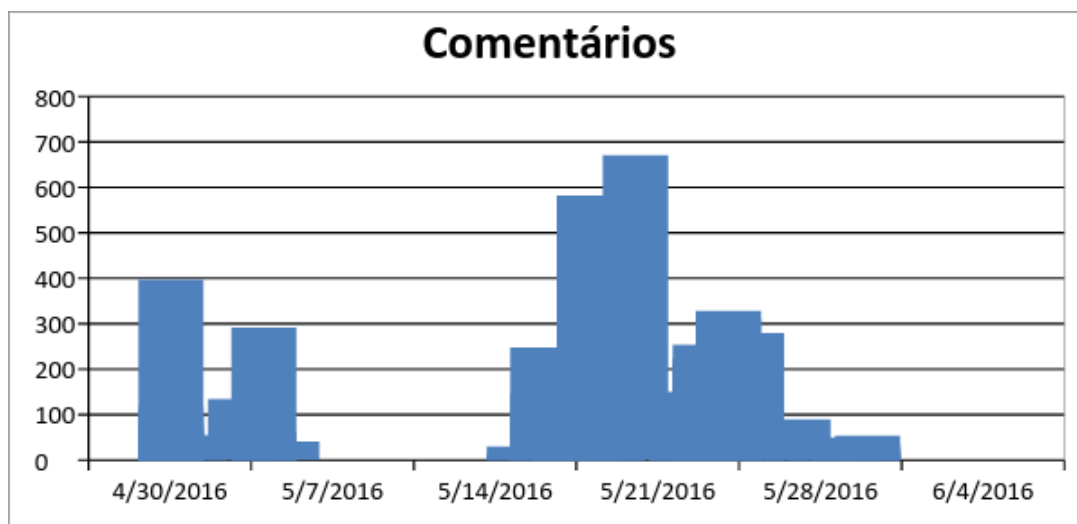
Na sequência do ranking de análise, no dia 1/5, é verificado outro pico de reações em postagem. Nesta data, o MST divulgou material relativo a comemoração do Dia do Trabalhador. Com estes dois exemplos, o movimento, embora focado na questão agrária, seguindo a temática dessas duas postagens, também estabelece ações comunicativas que englobam outros direitos sociais, como os humanos, das minorias e da classe trabalhadora. Esta abrangência de abordagem justifica um dos pilares do movimento social, que é a propositura de um novo projeto de vida social.

Já em termos de compartilhamentos – mecanismo em que o usuário compartilha para a sua rede de contatos o conteúdo de outra página e perfil - a postagem anteriormente descrita sobre o “Dia Internacional contra a Homofobia e Transfobia” permanece em primeiro lugar, seguida uma postagem de 5/5 em que o movimento divulgou um vídeo em que o líder do movimento, João Pedro Stédile, fazia uma análise do afastamento do presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha (PMDB), por determinação do Supremo Tribunal Federal (STF). O vídeo, disponibilizado no Youtube, era acompanhado do seguinte texto: ““Essa medida revelou o quanto nossos poderes são hipócritas. Porque o STF não tomou esta decisão em dezembro do ano passado, quando a Procuradoria Geral da República não só pedia o afastamento, como classificou como réu e pedia a prisão desse senhor?” João Pedro Stédile analisa afastamento de Eduardo Cunha da Câmara dos Deputados votado hoje pelo Supremo Tribunal Federal”. A postagem desse conteúdo gerou 50 mil visualizações (no vídeo), 1,1 reações, 2583 compartilhamentos e 291 comentários – os dados fazem referência à época do monitoramento. Conforme o gráfico demonstra:



Número de compartilhamento de postagens da fanpage do MST (Elaborado pelos autores)

Quando a análise tem como foco o número de comentários, também é possível verificar a multiplicidade de assuntos abordados pelo MST. Dentro deste campo de interpretação, se verifica os seguintes dados:



Comentários nas postagens da fanpage do MST (Elaborado pelos autores)

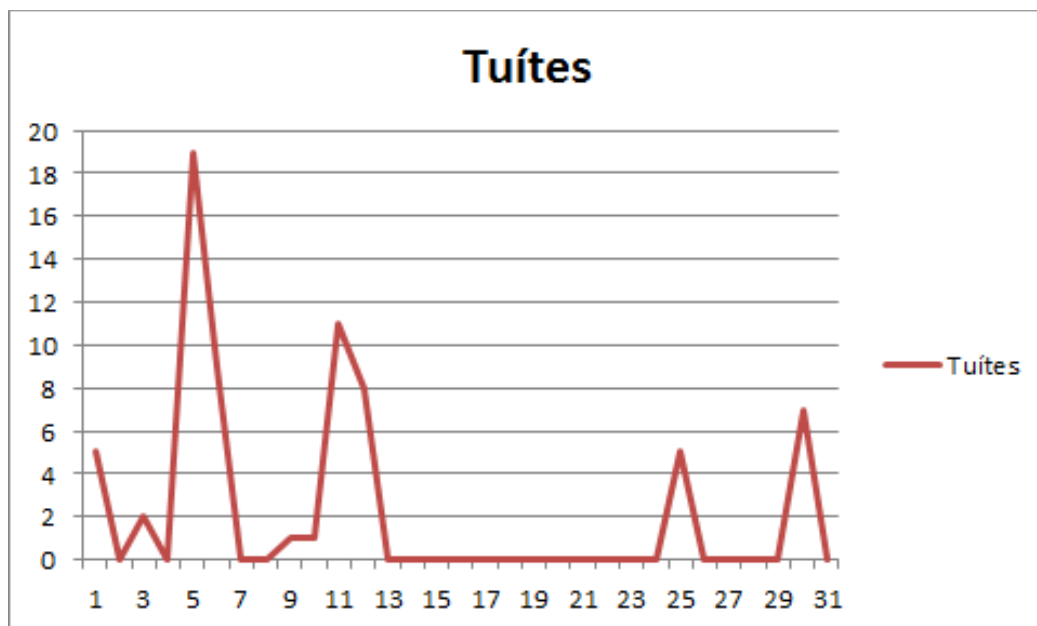
Os conteúdos que mais estimularam a participação dos internautas por meios de comentários foram as de 21/5, (“Toni Morrello protesta contra o golpe no Brasil”) e 19/5 (“Doação de Alimentos à ocupação da Funarte”). O primeiro conteúdo, à época do monitoramento havia sido compartilhado por 654 usuários; já o segundo, por 567. Os dois posts também fazem referência à pautas que extrapolam a questão agrária, mas que demonstram claramente o posicionamento político do MST diante dos desdobramentos da crise política brasileira.

MST e o uso do Twitter:

O MST faz uso do Twitter desde setembro de 2009. Na página, à época do monitoramento, apareciam as duas imagens de apresentação básicas do Twitter: uma de perfil e uma de capa. A imagem de perfil usada no período contém uma foto da bandeira do movimento acompanhada do texto “Terrorista é a Vale”, como uma alusão às recorrentes menções de pessoas contrárias ao movimento, de que o MST faça terrorismo e vandalismo e como uma denúncia aos abusos da Vale, mineradora multinacional brasileira, abusos que costumam ser ocultados pela mídia hegemônica. Já como imagem de capa (foto de fundo da parte superior), há uma fotografia de militantes com ferramentas de trabalho, reunidas em um

ato, carregando cartazes com mensagem de repúdio: ao trabalho escravo ou sob má condições, à violação dos direitos humanos, ao agronegócio e à usina de açúcar Unia (Grupo União Industrial Açucareira), autuada em flagrante por trabalho escravo, em novembro de 2015. Há ainda mensagem de defesa à natureza e à alimentação saudável, realçando a luta feminina. A foto foi tirada em 5 de março de 2016, quando aproximadamente 1300 mulheres do movimento ocuparam, em Lajedão, Bahia, a fazenda Pingueira, pertencente à Unial. A área possui monocultivo de cana, interrompido após as denúncias. A ação foi parte da Jornada Nacional de Lutas das Mulheres Sem Terra, intensificando, no mês de março, mobilizações e ocupações contra o agronegócio e em defesa da natureza e da alimentação saudável.

Durante o monitoramento, a página obteve crescimento de diversos indicadores: o número de *tuítes* passou de 10,5 mil para 10,6 mil; o número de perfis seguidos passou de 221 para 222; os seguidores, 66,4 mil, no primeiro momento; 67,3 mil, num segundo momento; e, ao fim do monitoramento, se apresentam em 68,1 mil. Os “likes”, inicialmente 14, foram para 15. De 1 de maio a 31 de maio, ocorreram 68 tuítes no total; uma média de 2 ao dia, tendo variado entre 0 a 19. Os assuntos abordados se referem a conteúdos do próprio MST ou a assuntos de interesse. Destaca-se os eventos promovidos pelo MST - que já ocorreram, vão ocorrer ou estão ocorrendo no momento das postagens; assuntos políticos que impactam o movimento – originados em diversas instâncias como o senado, a câmara e o MPF; notícias ou reportagens relacionadas ao campo e à alimentação; ocupação de área em Alagoas e de fazenda ligada a Michel Temer em São Paulo; notas de repúdio ao ataque contra militante do MTST e ao estupro coletivo da adolescente no Rio de Janeiro; divulgação de tuitos (#GolpismodaMídia #NãoMexaNoSUS #LutoPelaDemocracia); notícias sobre o golpe/impeachment e eventos relacionados; evento específico que debateu a função social da universidade; menção de que espionagem contra MST foi rotina no governo FHC; divulgação de notícias publicadas no site do movimento. Houve um total de 21 dias sem publicação (67% do período), distribuídos ao longo do mês. Destaca-se o período dos dias 13 a 24, no qual não houve publicação, tendo a página retomado no dia 25, com 5 publicações.



MST e o uso do Youtube:

No site Youtube o movimento está presente com o canal “VideosMST” (<https://www.youtube.com/user/videosmst>). Este perfil foi criado em 14 de julho de 2010 e até o momento conta com 1.610 inscritos e 463.035 visualizações de conteúdo. Durante o mês de maio este perfil foi abastecido com cinco vídeos: “A agroecologia no interior de São Paulo” (111 visualizações, à época do monitoramento – 31/5/2016), João Pedro analisa afastamento de Eduardo Cunha (856), [Café com MST] Rebel Díaz #5 (43), MST e Tom Morello recebem prêmio em Nova York (307) e David Harvey envia mensagem contra o golpe no Brasil (1.239). Os vídeos foram produzidos pelo grupo “Brigada Audiovisual Eduardo Coutinho – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra”. Apenas os materiais “João Pedro analisa afastamento de Eduardo Cunha” e “MST e Tom Morello recebem prêmio em Nova York” não receberam o selo de produção.

Análise da estrutura comunicacional on-line

A análise da vertente on-line de um movimento social, ou de sua dimensão comunicacional intermediada pela rede on-line, é uma constituinte importante na percepção de tal movimento na Sociedade Informacional (CASTELLS, 2006). Ao realizar o acompanhamento das ações comunicativas on-line, é possível detectar que diferentes características do movimento são manifestas, seja com o intuito de fortalecer posicionamentos ou divulgar narrativas própri-

as. Diante disso, o presente trabalho parte do entendimento que a criação, em maior ou menor grau, de um ambiente comunicacional e dialógico a partir das redes sociais on-line demonstra se o movimento consegue se utilizar das mídias digitais de maneira adequada ou se nesse uso, quando errático, sua imagem pode ser prejudicada – perdendo a chance de promover suas bandeiras.

Finalizado o monitoramento, pode-se concluir que o MST, utiliza de forma eficaz as redes sociais disponíveis para divulgar suas ações, chamar mais adeptos à causa e, de certa maneira, impactar a sociedade. É válido também destacar que algumas redes sociais são mais utilizadas que outras; mas, ainda assim todas elas são usadas de forma que beneficiam diretamente o movimento. Outro ponto passível de destaque é que o MST possui postura incisiva nas redes sociais que encontra relação com suas ações fora delas - ou seja, a web é só um adendo ao movimento social que já é legítimo dentro da esfera pública.

Mas, como nem tudo o que é divulgado ou noticiado por terceiros sobre o movimento social é emitido com critérios responsáveis e coerentes; a estrutura comunicacional on-line do MST cumpre também importante função de apresentar o posicionamento do movimento, frequentemente, repercutindo pontos de vista contra hegemônicos – realizando assim uma leitura da realidade que, por vezes, não é veiculada em outros espaços. Além disso, a estrutura comunicacional on-line do movimento também se apresentam como um espaço para divulgação de outros assuntos de interesse, não apenas de ordem política.

O MST possui características de destaque, que podem servir de inspiração para outros movimentos sociais. Em termos de ambientes virtuais, ele possui página oficial em um endereço na web (site oficial do MST) e faz uso de três das principais redes sociais virtuais existentes no Brasil e no mundo: Facebook, Twitter e Youtube. À parte muitas similaridades na apresentação, o movimento se manifesta de modo diferente em cada um desses quatro canais, demonstrando se moldar ao veículo, o que demonstra o reconhecimento das diferenças de públicos de uma plataforma para outra, ou ao menos a percepção das diferenças dos hábitos de uso dos usuários em cada uma dessas páginas, motivadas pelas particularidades de cada veículo.

O Site Oficial se apresenta como principal canal de apresentação de conteúdo produzido e difundido pelo MST, sendo que suas atualizações, por vezes, possuem relação com as encontradas em outras plataformas do movimento, podendo motivar postagens relacionadas ou ser divulgada por ela. A repetição de notícias (ou de fragmentos) que leve o internauta a visitar ou a ler conteúdo de outro canal do movimento é mais frequente no

Facebook, direcionando ao site oficial. É frequente que as plataformas apresentem conteúdos autônomos entre si.

Desconsiderando o site oficial, os outros canais mantidos pelo movimento são mídias de relacionamento social. Entre elas, o Youtube foi o menos utilizado no período (ocorreram apenas cinco postagens), nos levando a perceber que mesmo que o MST faça uso do vídeo como ferramenta de mobilização e formação política, sua veiculação nas mídias sociais é menos recorrente que a de textos e imagens.

Já o Twitter, que exige postagens mais curtas, fez com que o movimento se adaptasse a essa lógica. Apesar de dominar a plataforma, fazendo uso de diferentes recursos, o movimento apresenta uma oscilação de uso, não demonstrando disciplina na frequência dos tuítes. Mesmo com intervalos de afastamento, o número de seguidores aumentou no período. Todas as postagens foram lidas pelos usuários deste site e despertaram reações. Cada mensagem no Twitter recebeu ao menos dois retweets e dois likes, sendo 48,64 a média de retweets e 50 a média de likes por postagem. O Facebook é a mídia social na qual o movimento é mais ativo, tendo havido apenas quatro dias sem postagens. Os assuntos abordados também foram diversos.

Apesar das particularidades de cada veículo e de cada postagem do período, nota-se que o MST possui uma maneira própria de se comunicar. O movimento aponta para necessidades sociais, possui hábitos de uso e faz uso complementar e não-exclusivo da mídia. As publicações possuem características que se repetem, mesmo que as pautas sejam diferentes. Percebe-se que, independente de abordarem ou não o mesmo assunto, estão em sintonia entre si, se alinham com a militância e reforçam as ideias do movimento. A denúncia, a divulgação de eventos, a oferta de exemplos concretos de atuação e a mobilização social são algumas das características do ativismo on-line do MST.

Embora os estudos nos apontem fatores que possam agir como forças contrárias nas ações ativistas no meio digital “exclusão digital e não neutralidade da rede” (DONAS, 2010; VILELA, 2012) se deve considerar que o espaço virtual tem se confirmado cada vez mais como opção para ações sociais, como é o caso do MST.

A adesão virtual a determinado movimento não substitui a presença física (RIOS, 2010), pois a exemplo do movimento monitorado, grande parte das postagens seguidas durante o período é fruto de ações presenciais e pode fomentar pautas propositivas que,

segundo (MACHADO, 2007), agem ativando e despertando indivíduos para a cidadania e ações sociais.

Por conta da atuação da comunicação, o ativismo on-line do movimento passa a ser cada vez mais conhecido, tanto quanto as estratégias físicas, em se tratando de seus seguidores. O ativismo on-line pode, inclusive, favorecer a militância como um todo, pois pautas e eventos relacionados ao movimento recebem novas formas de divulgação. Além disso, o público interessado garante maior contato com os assuntos que fazem parte do universo do movimento.

O MST, e todo movimento social, não podendo desconsiderar a atuação extra-virtual, tende a ser beneficiado com um uso mais adequado das mídias. Além disso, tal uso contribui para que a comunicação seja um processo mais democrático, conferindo voz a grupos tantas vezes desprezados e, por outro lado, oportunizando com que diferentes internautas tenham acesso a essas vozes. A diversidade de conteúdos é imprescindível para a justiça social.

Assim, as mudanças nas ações democráticas acontecem não apenas na ampliação do amparo aos direitos das minorias, mas na sua prática e no exercício a partir do uso dos suportes tecnológicos em apoio às ações de cidadania e tem como matéria prima a informação. Tais informações não são apenas geradas por uma rede de cidadãos agrupados por interesses e elementos comuns, mas também partilhadas, reproduzidas, difundidas e expressas num curto espaço de tempo potencializado pela multiplicação do número de pessoas agrupadas dentro de uma mesma rede.

Referências

ALVES, Sergio Rodrigues. **Dicionário de tecnologia educacional: terminologia básica apoiada por micromapas**. Campo Grande (MS): Life, 2012. 179p. p.135.

BÔAS, Bruno Villas. Celular se torna principal meio de acesso à internet nos lares, diz IBGE. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 06 abr. 2016. Mercado. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2016/04/1757972-celular-se-torna-principal-meio-de-acesso-a-internet-nos-lares-diz-ibge.shtml>>. Acesso em: 14 set. 2016.

DÁVILA, Sérgio. Pioneiro vê enorme potencial para negócios de buscas. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 21 fev. 2007. Tec. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u21657.shtml>>. Acesso em: 14 set. 2016.

DÁVILA, Sérgio. Internet prepara-se para era da Web 3.0, com buscas avançadas. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 21 fev. 2007. Tec. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u21656.shtml>>. Acesso em: 14 set. 2016.

DONAS, Javier B. La cuartageneración de derechos humanos en las redes digitales. **Revista TELOS**. Octubre - Diciembre 2010, pp. 1-10.

GALLOWAY, Alexander R. Qual o potencial de uma rede? In: SILVEIRA, Sérgio Amadeu da (Org.). **Cidadania e Redes Digitais**. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil: Maracá – Educação e Tecnologias, 2010.

GONÇALVES, Vitor; PATRÍCIO, Maria Raquel. **Facebook**: rede social educativa. ENCONTRO INTERNACIONAL TIC E EDUCAÇÃO, pp. 593-598, 2010. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.ipb.pt/handle/10198/3584>>. Acesso em 28 set. 2016.

GOHN, M. G. Movimentos sociais na contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 47, maio-ago., 2011

GOMES, W. Pressupostos Ético-Políticos da Questão da Democratização da Comunicação. In: PEREIRA, C. A. M.; FAUSTO NETO, A. (Orgs.). **Comunicação e cultura contemporâneas**. Rio de Janeiro: Notrya, 1993.

LALLI, F. M. **Evolução Da Programação Web**. Felipe Micaroni Lalli, 2008.

KIRKPATRICK, David. **O efeito Facebook**. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2011.

LIMA, Klecius Leoncio de. **Aplicabilidade de Ferramentas da Web as Bibliotecas**. Trabalho de Conclusão de Curso. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, Graduação em Biblioteconomia, 2011.

LUCHMANN, L.H. H; SCHERER-WARREN, I. Situando o debate sobre movimentos sociais e sociedade civil no Brasil – Introdução. **Política & Sociedade** – Revista de Sociologia Política, Florianópolis, n. 5, out. 2004, pp. 13-35

MACHADO, Jorge Alberto S. Ativismo em rede e conexões identitárias: novas perspectivas para os movimentos sociais. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 9, n.18, jul./dez. 2007, pp. 248-285

MANUCCI, Marcelo. **El impacto corporativo**: diseño estratégico de la comunicación em la complejidad del contexto atual. Buenos Aires: La Crujía, 2008.

MARKOFF, John. Entrepreneurs See a Web Guided by Common Sense. **The New York Times**, New York, 12 nov. 2006. Business Day. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2006/11/12/business/12web.html?_r=1> Acesso em 14 set. 2016.

RIOS, Aline de Oliveira. **Movimentos sociais na internet**: Possibilidades e Desafios. Biblioteca on-line de ciências da comunicação. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/_esp/autor.php?codautor=895>. Acesso em 05 set. 2016.

SOUZA, Rafael Bellan Rodrigues de. **As mídias radicais do MST**: representações políticas e culturais. Jundiá: Paco Editorial, 2015.

STEDILE, João Pedro; FERNANDES, Bernardo Mançano. **Brava gente** – A trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1999.

TAVARES W.; PAULA, Ana Paula Paes de. Movimentos Sociais em Redes Sociais Virtuais: Possibilidades de Organização de Ações Coletivas no Ciberespaço. **RIGS Revista Interdisciplinar de Gestão Social**. Bahia, v.4 n.1 jan./mar. 2015.